

Livro e leitura popular no início do século XX**Tania Regina de LUCA***

Num dossiê que tem por temática as ruas, nada mais apropriado do que fornecer ao leitor um texto de João Paulo Alberto Coelho Barreto, que abandonou os vários sobrenomes pela evocação de sua cidade, consagrando-se como João do Rio (1881-1921). Autor de vasta obra que recobre diferentes gêneros, foi assíduo colaborador de periódicos, com destaque para a prestigiosa *Gazeta de Notícias*, jornal em circulação na Capital desde 1875.

“Os mercadores de livros e a leitura das ruas” foi originalmente publicado em 12 de fevereiro de 1906 na *Gazeta*, matutino que se encontra disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Esta crônica integra o livro *A alma encantadora das ruas*, que reúne escritos publicados entre 1904 e 1907, provenientes da *Gazeta* e da revista *Kosmos* (RJ 1904-1909) e enfeixados em volume pela Casa Garnier em 1908. A obra contou com três reedições: a primeira em de 1951, pela Editora Simões; outra em 1987, sob os auspícios da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e com introdução de Ana Lúcia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalhos Gens e, mais recentemente, a levada a cabo pela Companhia das Letras, lançada em 1997 e organizada por Raul Antelo.

A cronologia dos empreendimentos editoriais é um indício da importância que a crítica tem devotado ao autor nas décadas mais recentes, após anos de relativo ostracismo, no bojo do desprestígio que cercou tudo o que fosse anterior ao modernismo, genericamente reunido sob o rótulo, já tantas vezes criticado, de pré-moderno. O cotejamento entre a versão estampada no jornal em 1906 e a que consta na edição preparada por Raul Antelo indica que João do Rio não fez alterações no conteúdo quando da passagem do jornal para o livro.

A temática está claramente expressa no título: trata-se de dar conta dos livros que eram expostos nas ruas, apregoados por mercadores que subiam e desciam os morros, percorriam tavernas ou acantonavam-se nas praças e ruas movimentadas. Note-se que não se tratava de livreiros, título reservado para os que se estabeleciam nas áreas nobres, como a famosa Rua do Ouvidor, e que atendiam freguesia seleta e exigente, a par das novidades no campo literário e científico.

O autor perambula por entre esses que são meros mercadores, mas os tira do anonimato ao descrever as estratégias diversificadas que colocam em prática para “passar a

* Professora Adjunta – Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2.100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: trdeluca@uol.com.br

fazenda”, configurando um rol complexo de tipos, num misto de descrição e criação literária, o que alerta para as figurações produzidas pelo narrador, que não se limitou a reproduzir o que viu. Mas sua atenção também se volta para o que era vendido e não é sem um sentimento de desespero que constata o universo de títulos oferecidos, que iam das Bíblias aos que evocavam aventuras, heróis, violência, crimes ou os curiosos testamentos deixados por bichos, muitos dos quais *best-sellers* desde o século anterior.

Constatada a natureza do que se ofertava, o temor dos perigos da leitura, questão que deu margem a tantos debates desde o século XIX, reaparece com força. Afinal, essas brochuras frágeis, impressas em papel de má qualidade e vendidas a preços módicos circulavam nas prisões, prostíbulos e casebres humildes, constituindo-se no “pasto mental” da maioria da população. A ela atribuíam-se a capacidade de sugestionar os espíritos simples, despertar sentimentos e levar a ações criminosas, exemplificada com o personagem Carlito da Saúde.

No texto explicita-se o desprezo pelo gosto da “gentalha”, mas, ao mesmo tempo, fornece indícios interessantes sobre a expansão do mercado dos impressos no Rio de Janeiro do começo do século XX. Afinal, havia os que escreviam esses textos, aqueles que os imprimia, distribuía e mesmo um movimento de importação transatlântica, com gêneros provenientes de Portugal. A produção e o consumo das camadas mais humildes constituem-se num campo que merece ser explorado pelos que se dedicam à história do livro e da leitura.